

A festa e a luta: São Paulo e o rap político dos Racionais

Gabriel Gutierrez Mendes

IESP/UERJ

gabriel.mendes34@gmail.com

O artigo investiga a dimensão política do rap produzido pelos Racionais Mc's como produto das alterações econômicas e espaciais pelas quais passou a cidade de São Paulo e o Brasil na década de 90. O objetivo é observar a capacidade do grupo de transformar o enfrentamento de circunstâncias sociais adversas em potência poética furiosa, a partir do engajamento na produção de uma estética musical que mescla referências artísticas nacionais e internacionais.

Palavras-chave segregação, Rap, política.

The article investigates the political dimension of rap produced by Rational Mc's as a product of economic and spatial changes undergone by the city of São Paulo and Brazil in the 90s. The objective is to observe the group's ability to transform the face of adverse social circumstances in furious poetic power, from engaging in the production of a musical aesthetic that mixes national and international artistic references.

Keywords segregation, rap, politics.

“Ei,
São Paulo
Terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne
É a torre de babel

Família brasileira
Dois contra o mundo
Mãe solteira
De um promissor
Vagabundo”
Mano Brown, “Negro Drama”, do disco “Nada como um dia após o outro dia”, 2002.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior que tem o objetivo de mostrar como o movimento Hip Hop de São Paulo e os Racionais são “efeitos colaterais”¹ resultantes de características históricas da sociedade brasileira conjugadas às consequências sociais originadas pela aplicação do modelo econômico neoliberal no Brasil dos anos 90. Neste artigo, especificamente, discutiremos os atributos da periferia paulistana que constituíram o contexto geográfico e socioeconômico em que os Racionais Mcs desenvolveram-se como artistas. Devido à importância do tema da “periferia” na cultura hip hop em geral, e no discurso do grupo em especial, serão apresentados traços do processo de formação da realidade social da área urbana de onde vieram os membros dos Racionais (Edi Rock e KLJay são da Vila Gustavo, no Tucuruvi, na Zona Norte. Mano Brown e Ice Blue são do Capão Redondo, na Zona Sul).

A compreensão dessa realidade concreta experimentada por esse segmento juvenil urbano no gueto brasileiro nos anos 80 e 90 é fundamental para a pesquisa pela presença constante da noção de “periferia” no discurso político-musical do grupo e por conta dessa realidade ser compartilhada com o público de jovens negros e pardos que colocou os

¹ Referência à música “Capítulo 4, versículo 3”, Racionais Mcs, no disco “Sobrevivendo no inferno”, 1998.

Racionais no lugar de sucesso e prestígio que eles adquiriram ao longo dos seus 24 anos de carreira.

Essencialmente, são observados os aspectos que se referem à condição socioeconômica da periferia, o que significa compreender essa parte da cidade de São Paulo com um espaço de crescente favelização, segregação e exclusão da cidadania. Essa abordagem enfatiza a precariedade crescente da realidade da periferia a partir da crise social produzida pelo neoliberalismo vigente nos anos 90. A região metropolitana de São Paulo é compreendida dentro de sua lógica de segregação espacial, de aumento das distâncias sociais e de *acirramento do conflito social* por conta do surgimento do que Caldeira (1997) chama de “enclaves fortificados”, que colocam lado a lado, mas separados por muros e seguranças armados, as classes altas e médias e os trabalhadores “sub-cidadãos” moradores da periferia. Portanto, a compreensão da cidade de São Paulo como esse espaço de relativa segregação social de contornos étnicos é tarefa central para o entendimento do surgimento do movimento hip hop de São Paulo e, dentro dele, dos Racionais.

O surgimento da periferia: “500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou²”

Historicamente, a segregação social não é novidade no contexto paulistano. Já nos anos 30, existiam bairros tipicamente populares onde havia a predominância de negros. Tais espaços eram conhecidos como “territórios negros”. No entanto, pobres e ricos ainda habitavam espaços relativamente próximos, ainda que a partir de modelos residenciais distintos: os ricos em casas espaçosas e os pobres em cortiços (Caldeira, 1997).

² Diz Edy Rock em “A vida é desafio”, Racionais Mcs, no disco “Nada como um dia após o outro dia”.

Após os surtos de desenvolvimento da década de 50 com a indústria automobilística e da década de 70, com o chamado “Milagre Brasileiro”, o desenho padrão de sociedades revolucionadas pelo advento da economia industrial moderna estabeleceu-se em São Paulo. Esse desenho pressupõe uma dinâmica entre centro e periferia que organiza a cidade (Caldeira, 1997). A classe média e alta ocupam os bairros centrais mais amplamente atendidos pela infraestrutura urbana e pelo poder público e as classes populares habitam a periferia, ignorada pela ação cidadã do Estado.

Portanto, como consequência desta expansão industrial, nos anos 70 especialmente, São Paulo experimentou uma contínua marcha da mancha urbana em direção à periferia (Taschner & Bógus, 2001). Esse movimento foi protagonizado por um novo contingente migratório, especialmente de Minas Gerais e Bahia³, que se assentou nos arredores da cidade e promoveu a expansão dessa franja periférica através da autoconstrução e do loteamento privado e clandestino em áreas cada vez mais distantes do centro. Nesse sentido, houve o que Silva (1998) chama de “um processo explosivo de transformação da vida urbana”, sem qualquer mediação do poder público. Configurando, assim, a nova periferia paulistana, segregada em relação ao centro. Desta forma, na chegada à década de 80, é possível notar a formação de um contexto urbano em que um centro com núcleos satisfatórios no que se refere à qualidade de vida, onde reside a elite empresarial, a elite intelectual e a pequena burguesia, é rodeado por uma periferia repleta de domicílios pobres, onde residem o sub-proletariado, com infraestrutura deficiente e poucas áreas verdes.

Esse retrato reproduz uma lógica comum nos hoje chamados polos urbanos globais em que há evidentes contrastes entre as elites locais

³ Diz Mano Brown: “Errares, humanos est, grego ou troiano. Latim, tanto faz pra mim: ‘Fi’ de baiano”, em “Da ponte pra cá”, do disco “Nada como um dia após o outros dia”, Racionais Mcs, de 1998.

com alta e renda e alta qualificação profissional e os pobres marginalizados com baixa renda e precária qualificação para o trabalho. Nesta paisagem, há pouco espaço para outras camadas sociais (Taschner & Bógus, 2001).

Como no início do século XX, portanto, essa periferia continuava a ter contornos étnicos como os “territórios negros” do passado pré-industrial. Segundo Silva (1998), o Censo de 1980 mostra que na população que se fixou nesses espaços periféricos da cidade havia significativa presença de negros. Os números dos anos 90 apresentados na pesquisa de Taschner e Bógus (2001) confirmam a permanência desse cenário de segregação racial quantitativamente. Por exemplo, distritos de alta renda como Alto de Pinheiros, Perdizes, Moema, Jardim Paulista tem menos de 10% dos chefes não brancos. De outro lado, em distritos como Jardim Ângela, Jardim Helena, Cidade Tiradentes, Itaim Paulista há mais de 50% dos chefes não brancos (Idem), apresentando o que as pesquisadoras chamam de “anel periférico” como a parte da cidade com a maior proporção de não-brancos.

Essa imagem reforça a ideia da periferia como um gueto que guarda feições de colônia racial, onde há relação evidente entre cor, renda e escolaridade: quanto maior o número não-brancos, maior a presença em áreas periféricas - especialmente nas favelas - e menor a renda e escolaridade.

O movimento hip hop paulistano e os Racionais são forjado neste habitat, liderados pelos filhos daquela geração de migrantes que foi para São Paulo no momento em que a cidade transformou-se num grande centro industrial com enorme capacidade de atração de trabalhadores. Sendo assim, começa a ser configurado o contexto social em que se daria o surgimento dos Racionais, mostrando a relação evidente entre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, o seu impacto no espaço urbano de São Paulo e o nascimento do principal grupo de rap do país, que viria a surgir um pouco depois, no início dos anos 90.

No entanto, para alargar as possibilidades de compreensão dessa relação, é necessário entender as transformações pelas quais passou essa periferia nos anos que se seguiram, e verificar como o processo de segregação social acima descrito ganhou novos contornos nos anos 90 – período em que o grupo em questão estabeleceu-se musicalmente. Compreender esses novos traços da periferia paulistana significa investigar a experiência na cidade que essa segunda geração de migrantes teve a partir das alterações geradas pelo momento econômico brasileiro do final dos anos 80 e anos 90, momento em que os Racionais começam sua carreira artística no rap.

Anos 80 e 90: a deterioração e explosão da periferia

A partir dos anos 80 e 90, São Paulo passou por transformações importantes no que se refere à constituição do seu espaço urbano e à segregação social. Como afirma Caldeira (1997), naquele momento, “São Paulo continua a ser altamente segregada, mas a maneira pela qual as desigualdades se inscrevem no espaço urbano muda de modo considerável”. A compreensão dessas alterações tem papel central no entendimento da dimensão política do rap dos Racionais, pois é a partir de novos e mais intensos padrões de distância social entre ricos e pobres convivendo num espaço cada vez mais próximo que se elabora o discurso de afirmação de autoestima, autonomia e, especialmente, confrontação que o grupo de rap encampa em seus momentos mais agressivos.

Crise econômica no Brasil e favelização⁴

Caldeira (1997) lista uma série de processos que formataram a periferia paulistana dos anos 90 – o cenário⁵ de boa parte das crônicas em forma de Rap. De início, essa década testemunhou um aumento da população da periferia da capital. Além disso, a crise econômica que assolou a economia brasileira nos anos 80 aumentou a pobreza e o desemprego nas camadas populares, e agravou uma distribuição de renda já bastante desigual no Brasil. Este processo de empobrecimento teve sérias consequências para a alocação dos pobres no espaço urbano, pois os jovens que cresceram nesta década e na seguinte não puderam manter nem a condição de proprietários de casas autoconstruídas, como seus pais.

Essa realidade de deterioração econômica foi ainda intensificada paradoxalmente pelas melhorias obtidas pelos movimentos sociais da periferia no período de abertura democrática em meados dos anos 80. A partir da pressão exercida sobre os governos por esses movimentos, os poderes municipais destinaram mais investimentos em infraestrutura para as áreas periféricas, fazendo com que houvesse uma regularização dessas construções e, finalmente, sua inclusão no mercado imobiliário formal. No entanto, como explica Caldeira (1997), “a contrapartida desses processos foi a diminuição da oferta de lotes baratos no mercado. Um vez que empreendimentos legais e lotes em áreas com melhor infraestrutura são obviamente mais caros do que lotes ilegais em áreas precárias, não é difícil entender que os bairros que conseguiram essas melhorias ficaram inacessíveis à população já empobrecida”.

⁴ Frequentemente, os Racionais intitulam-se “a voz da favela” e a “trilha sonora do gueto”.

⁵ Dialeticamente, Bertelli (2012) chega a dizer que a elaboração musical dos Racionais “parece ter atuado como um dos principais fatores de articulação dos parâmetros de narratividade da “condição periférica” no contexto contemporâneo da produção cultural brasileira (pág 4).

Como consequência, essa população, ainda mais empobrecida, comumente teve “que se mudar para favelas ou cortiços nas áreas centrais da cidade ou em municípios mais afastados da região metropolitana” (Caldeira, 1997). Dados da Secretaria de Habitação de São Paulo citados pela autora mostram um forte incremento no número de moradores de favelas entre 1973 (1,1%) e 1993 (19,1% ou 1.902.000 pessoas). Nota-se aqui, portanto, um evidente processo de aumento da favelização da cidade como um todo e da periferia em especial. Segundo Taschner & Bógus (2001), 62% do acréscimo de moradias faveladas deu-se no que as autoras chamam de “anel periférico”, levando-se em conta as transformações urbanas dos anos 90. Portanto, ao lado dos conjuntos habitacionais populares públicos (as Cohabs) e do tradicional lote irregular com autoconstrução, a paisagem vista diariamente pelos membros dos Racionais, refletiu um intenso crescimento das favelas na periferia.

Juventude, Desemprego e reestruturação da produção capitalista

Apontando para essa mesma direção, descrevendo um processo de deterioração da condição social dos moradores da periferia paulistana no intervalo dos anos 80 para 90, há um fator global relacionado ao desenvolvimento histórico do capitalismo mundial naquele momento. A partir da década de 90, o Brasil experimentou um movimento de renovação da sua estrutura produtiva industrial, algo que já vinha ocorrendo no centro do capitalismo global desde os anos 70 e 80. Essa reestruturação, largamente amparada na automação de diversas atividades tradicionais do setor industrial, na migração das atividades fabris para as de comércio e serviços e na introdução de novos métodos de organização do trabalho, afetou dramaticamente o nível de emprego em São Paulo – principal polo industrial brasileiro naquele momento. Segundo dados da Secretaria Municipal do Planejamento, da Prefeitura de São Paulo, o desempre-

go da população economicamente ativa saltou de um patamar de 8% a 10%, em 1991, para 17,0%, em 1998 (Silva, 1998). Além disso, durante os anos 90, caíram sistematicamente as taxas de trabalho assalariado com carteira assinada (70,7% para 61,2% da população ocupada) e cresceu o trabalho autônomo (de 15,8% para 20,8% da ocupação), configurando assim um cenário dramático para a população trabalhadora: desemprego e declínio das garantias trabalhistas. Nesse sentido, é possível afirmar, inclusive, que houve diminuição efetiva do proletariado industrial – por conta da modernização dos regimes de trabalho da exportação das plantas industriais. Ao mesmo tempo, São Paulo testemunha o aumento do sub-proletariado – mão de obra essa desprotegida socialmente no que se refere às leis trabalhistas. Cabe lembrar que KL JAY e Mano Brown eram *office boys* antes de trabalharem com rap.

De fato, o que ocorreu foi uma alteração do perfil econômico da cidade. Essencialmente, como afirmaram Taschner & Bógus (2001), por conta da reestruturação produtiva e da financeirização global, São Paulo assistiu a uma perda do emprego industrial, mais ou menos meio milhão de postos de trabalho nesse setor (Taschner & Bógus, 2001), aumentando a pobreza visível e número de favelados e sem-teto. Caldeira (1997) aponta para a mesma direção:

“Seguindo o mesmo padrão de muitas metrópoles ao redor do mundo, São Paulo está sob um processo de terceirização. Na última década, a cidade perdeu sua posição de maior polo industrial do país para outras áreas do estado e para a região metropolitana como um todo, tornando-se basicamente um centro financeiro, comercial e coordenador de atividades produtivas e serviços especializados – num padrão semelhante ao que ocorre nas chamadas “cidades globais” (Sassen, 1991 apud Caldeira, 1997)”.

Em função da nova divisão internacional do trabalho e da introdução de novas tecnologias, São Paulo começou a transformar-se numa cidade pós-industrial, em que se viu a transição rumo “à ampliação da produção de bens de consumo e à integração ao circuito mundial das

trocas econômicas, da informação e da cultura” (Silva, 1998). Trata-se da década essencialmente neoliberal no Brasil, em que a tendência global para as metrópoles é a desregulamentação da economia e a hegemonia de grandes grupos privados transnacionais que ganham cada vez mais autonomia frente ao Estado, produzindo, assim, uma aguda crise social.

Partindo de uma compreensão mais ampla do processo de transformação urbana ocorrido nos anos 90, logo a cidade pôde ver as consequências dessas alterações na vida econômica das classes populares paulistanas. Efetivamente, a mencionada reformulação econômica acarretou a diminuição da taxa de emprego em São Paulo, especialmente para os mais jovens. Apresentando dados do SEADE, Silva (1998) atenta para o fato de que especialmente para os segmentos entre 15 e 17 anos e 16 e 24 anos, as possibilidades de inserção no mercado de trabalho reduziram-se drasticamente durante esse novo momento da economia brasileira. No segundo trimestre de 1998, por exemplo, o desemprego entre jovens de 15 e 17 anos atingiu 48% da força de trabalho juvenil. Para a faixa dos 16 a 24 anos, o final dos anos 90 significou também um dramático momento em que o índice de desemprego alcançou de 23% a 26% – dobrando em relação ao final dos 80 (Silva, 1998).

Os dados acima mostram as características de um mercado de trabalho globalizado que começa a se desenhar na realidade brasileira. Esses números revelam a dificuldade dos mais jovens e menos escolarizados de encontrarem emprego no Brasil dos anos 90. E é exatamente sobre a periferia paulistana que pesa essa nova estrutura econômica globalizada, pois é lá que se encontra o maior número de desempregados procurando emprego e o maior número de chefes de família sem nenhuma escolaridade.

A história dos Racionais tem relação direta com essa realidade. Durante o período em questão, quando lançam seu primeiro disco, em 90,

os Racionais têm 18 (Brown e Blue) e 20 anos (Rock e KL Jay), ficando claro, assim, como o período de nascimento e apogeu dos Racionais tem relação estreita com uma crise social aguda no Brasil, que colocou, não só membros do grupo, mas significativos segmentos da juventude da periferia em situação precária no que se refere ao emprego e a suas perspectivas econômicas.

Segregação espacial e distância social

Nos tópicos acima, pode-se perceber a delineação de um quadro descritivo das características da periferia paulistana nos anos 90 a partir de transformações sociais, econômicas e do desenvolvimento espacial da cidade. O que vemos é um espaço urbano crescentemente precarizado e favelizado habitado por uma massa de gente jovem, desempregada e sem muitas perspectivas de prosperidade⁶. Nesse sentido, a compreensão de processos que atravessaram a década de 80 e 90 do século XX desenha os contornos da aguda crise social que se abateu sobre as áreas periféricas da maior metrópole brasileira. Tal crise foi caracterizada pela favelização dos espaços da periferia e pelo desemprego, especialmente juvenil.

Neste sentido, acredita-se que a partir da compreensão de todos esses elementos econômicos, sociais, e, no limite, políticos, será possível caminhar na direção de uma análise apurada do discurso político dos Racionais. Dentro desse raciocínio, é necessário, agora, dar atenção especial aos novos padrões de segregação social que se desenvolveram na cidade de São Paulo, e especialmente em sua periferia a partir dos anos 90. Este tipo de processo – tal como verificado no caso paulistano – levou ao isolamento dos grupos sociais, ao esvaziamento do espaço público, à distinção de grupos a partir de signos de status e, especial-

⁶ O surgimento do Hip Hop em Nova York, nos EUA, é ocasionado por semelhante processo de precarização da vida na cidade, segundo Tricia Rose (1997).

mente, ao acirramento da hostilidade entre esses grupos. Nesse sentido, a observação das consequências desse processo tem forte relação com o sentimento político dos grupos que ficaram no lado mais deteriorado dessa geografia da segregação. Em alguma medida, o rap dos Racionais é a elaboração e transformação dessa experiência social em música e poesia.

“Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar”

A configuração do espaço urbano da cidade de São Paulo passou por relevantes transformações na década de 90, o que significa dizer que a histórica desigualdade social que caracteriza a conformação social brasileira se inscreveu no espaço urbano de uma nova maneira. Ao lado do imaginário oriundo dos anos 40 a 80, em que um centro rico está separado de uma periferia pobre, surge um outro padrão urbanístico em que as favelas e os condomínios de luxo perfilam-se lado a lado, levando para a paisagem paulistana novas modalidades de segregação socio-espacial.

A grande novidade desta nova paisagem é o que Caldeira (1997) chama de “enclaves fortificados”, que são “espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho” (Idem) das elites. Por conta especialmente da violência urbana que atinge grandes metrópoles (o trabalho de Caldeira cita, além de São Paulo, a cidade de Los Angeles – curiosamente um centro relevante dentro da cena de rap no Estados Unidos, especialmente na sua vertente mais ligada à violência das gangues: o estilo *gangsta*), as classes médias e altas começaram a abandonar as áreas centrais, deslocando-se para áreas periféricas, onde construíram condomínios residenciais, shoppings centers e centros comerciais.

7 Diz Ice Blue, em “Da ponte pra cá”, Racionais Mcs, no disco “Nada como um dia após o outro dia”, de 1998

Estes espaços são propriedades privadas para moradia, trabalho e consumo fisicamente isolados por muros, grades ou outras formas de distanciamento. Estão voltados para dentro, o que significa dizer que prescindem do entorno, “concentram tudo de que precisam dentro de um espaço privado e autônomo e podem se localizar em quase qualquer parte, independentemente de seus arredores” (Caldeira, 1997). Essa independência possibilita a existência desses chamados “enclaves” qualificados em áreas altamente precarizadas, sem infraestrutura urbana, por exemplo. Este é exatamente o caso paulistano. Ao redor de condomínios de luxo, a favela.

Diversos serviços são oferecidos por esses espaços, que têm em seus portões trabalhadores armados e treinados para garantir a segurança do moradores desses “enclaves fortificados”. Estes seguranças submetem os trabalhadores – office boys e empregadas domésticas, por exemplo – que entram e saem a um controle rígido, e várias vezes constrangedor, de acesso, criando, assim, um fenômeno em que trabalhadores pobres do entorno “protegem” o patrimônio das classes médias e altas de outros trabalhadores pobres do entorno. Como diz a autora, “esses ricos têm medo do crime, e associam pobreza a crime. Por isso, temem o contato e contaminação com os pobres, mas continuam dependendo deles. Querem controlar cada vez de forma mais eficiente essas pessoas que lhes prestam serviços, com quem tem relação de dependência e evitação, intimidade e desconfiança” (Caldeira, 1997).

Efetivamente, os enclaves fortificados descritos por Caldeira (1997) realizam o “sonho de independência” das elites de viver num espaço seguro que garanta a distância social. Na sua pesquisa, a autora faz uma análise do discurso publicitário desse tipo de empreendimento empresarial e mostra como a homogeneidade social é valor dentro desta lógica e como habitar estes “enclaves” significa status para seus moradores. Segundo a autora, a proposta é que nestes lugares se crie uma comunidade de iguais, isolada da mistura caótica das ruas, onde se pos-

sa usufruir de equipamentos e serviços na tranquilidade de um ambiente exclusivo, sem “encontros desagradáveis” ou mistura de classes.

Dessa maneira, o que está em jogo neste tipo de desenho urbano são claras intenções segregacionistas (Caldeira, 1997). A autora enfatiza que além dos muros e grades, há sistemas de segurança e todo um aparato interno que é desenvolvido para que estes espaços sejam autônomos em relação ao mundo do lado de fora. Andar na rua a pé e de transporte coletivo ou dentro das áreas privatizadas e de carro passam a ser marcações de distinção de classe. O espaço público como *locus* de sociabilidade se esvazia e, assim, São Paulo vai adquirindo uma feição fragmentada em que a livre circulação e o caráter plural do espaço público tornam-se ficções de uma cidadania, que é substituída, cada vez mais, pela separação e distância entre classes diferentes.

Como resposta à essa posição de fechamento e exclusão, o rap dos Racionais elabora uma discurso hostil de autoafirmação, confrontação e também de fechamento. Como diz Caldeira (1997), a separação sem mediação proposta pelos Racionais é equivalente ao distanciamento desenvolvido pelas elites a partir da construção de uma paisagem urbana que enfatiza a desigualdade. Nesse sentido, o discurso políticos dos Racionais poderia ser lido como a elaboração dessa experiência de precarização, favelização e segregação por parte dos que ficaram do lado de fora dos “enclaves fortificados”.

Partindo deste cenário, o grupo propôs uma estética musical inspirada e agressiva nos seus quatro discos de estúdio: “Holocausto Urbano”, de 1990, “Escolha seu caminho”, de 1992, Raio X do Brasil”, de 1993, “Sobrevivendo no Inferno”, de 1998 e “Nada como um dia após o outros dia”, de 2002. Articulando referências do Hip-Hop americano, como o Public Enemy, do Soul americano, como Curtis Mayfield e Marvin Gaye, com artistas da MPB, como Jorge Ben, e da música negra pop brasileira dos anos 70, como Cassiano e Hyldon, os Racionais elaboraram um discurso poético e político anti-cordial, racista e contrário à tradição de conciliação autoritária historicamente presente na cultura política

brasileira. O trabalho artístico resultante desta equação apresenta tons sombrios nos timbres, suingue nos *beats* e força poética no texto rimado, especialmente de Mano Brown. A partir do dialeto do gueto, o rap dos Racionais confronta, faz dançar e constrói sentido para a experiência do jovem negro e pobre de São Paulo e do Brasil.

Referências

- BERTELLI, Giordano Barbin. Errâncias racionais: a periferia, o RAP e a política. *Sociologias*, v. 14, n. 31, p. 214-237, 2012.
- DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 47, p. 155-76, 1997. Silva
- RACIONAIS MC'S. Holocausto Urbano. RDS Fonográfica/Zimbabwe Records, RDL 4006, s.d. 1 CD [p1990]
- _____. Escolha o seu caminho. São Paulo: Zimbabwe Records, p1992, v. 1.
- _____. Sobrevivendo no inferno. Casa Nostra/Zambia, ZA-050-1, 2002. 2 CDs.
- _____. Nada como um dia após outro dia, Casa Nostra/Zambia, ZA-050-1, 2002. 2 CDS.
- ROSE, Tricia; HERSCHMANN, Micael. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. *Abalando os anos 90*, p. 190-213, 1997.
- SILVA, José Carlos Gomes. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana. Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*, 1998.
- TASCHNER, Suzana P.; BÓGUS, Lucia MM. São Paulo, uma metrópole desigual. *Eure* (Santiago), v. 27, n. 80, p. 87-120, 2001.